



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL
DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS
BACHARELADO EM HUMANIDADES**

JUCIANE APARECIDA DA SILVA

**A MÚSICA COMO ESTRATÉGIA PARA A IMPLEMENTAÇÃO
DA LEI 10.639/2003 EM ESPAÇOS DE EDUCAÇÃO INFANTIL**

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2019

JUCIANE APARECIDA DA SILVA

**A MÚSICA COMO ESTRATÉGIA PARA A IMPLEMENTAÇÃO
DA LEI 10.639/2003 EM ESPAÇOS DE EDUCAÇÃO INFANTIL**

Trabalho de Conclusão de Curso – Modalidade Projeto de Pesquisa – apresentado ao Instituto de Humanidades e Letras do Campus dos Malês da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (UNILAB), como requisito para obtenção de título de Bacharel em humanidades.

Orientadora: Profa. Dra. Cristina Teodoro.

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2019

JUCIANE APARECIDA DA SILVA

**A MÚSICA COMO ESTRATÉGIA PARA A IMPLEMENTAÇÃO
DA LEI 10.639/2003 EM ESPAÇOS DE EDUCAÇÃO INFANTIL**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Graduação em Humanidades do Instituto de Humanidades e Letras do Campus dos Malês da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Bacharel em Humanidades.

Aprovado em: 26 de março de 2019.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Cristina Teodoro (Orientadora)

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

Profa. Dra. Eliane Costa Santos

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

Prof. Dr. Rafael Palermo Buti

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	5
1.1	PROBLEMA DA PESQUISA	8
2	JUSTIFICATIVA	8
3	OBJETIVOS	10
3.1	OBJETIVO GERAL	10
3.2	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	10
4	REVISÃO DA LITERATURA	11
4.1	HISTÓRIA DA MÚSICA: O QUE É MÚSICA?	11
4.2	A IMPORTÂNCIA DA MÚSICA PARA O DESENVOLVIMENTO INFANTIL	12
4.3	MUSICALIZAÇÃO NOS ESPAÇOS DA EDUCAÇÃO INFANTIL: CONSIDERANDO AS MULTIPLAS LINGUAGENS	14
4.4	A MÚSICA COMO FORMA DE RESISTÊNCIA NEGRA	16
5	METODOLOGIA	18
6	CRONOGRAMA	20
	REFERÊNCIAS	21

1 INTRODUÇÃO

A educação infantil no Brasil, ao longo de sua história, tem passado por inúmeras mudanças tanto em relação aos seus significados quanto às suas diversas regulamentações. Entre retrocessos, avanços e desafios, a mesma deixou de ser um espaço para “deixar” crianças enquanto suas mães trabalhavam, tornando-se reconhecida em 1988, com a promulgação da Constituição Federal, como um direito social de todas as crianças de 0 a 6 anos de idade. No entanto, foi somente em 1996, com a aprovação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação, que tornou-se a primeira etapa da educação básica.

O papel fundamental da educação infantil, como traz Trinidad (2012, p.128), é “possibilitar o desenvolvimento humano e social de todas as crianças”, ainda, de acordo com suas diretrizes curriculares nacionais, a mesma tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até cinco anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade.

Ao considerarmos o processo de aprendizagem das crianças nesses espaços, é necessário levar em consideração que as interações e as brincadeiras são as formas que devem ser privilegiadas para o desenvolvimento das crianças, juntamente com outras linguagens, como as Artes em geral, e a música, em particular.

De acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei 9.394/1996), as Diretrizes Curriculares Nacionais do curso de graduação em Pedagogia, os Referenciais Curriculares Nacionais para a Educação Infantil – RCNEI, juntamente com a Lei 11.769/2008 – valida a formação musical do educador que atua na Educação Infantil. No inciso VI do parágrafo único do artigo 4º das Diretrizes Curriculares Nacionais, está registrado que:

O curso de Licenciatura em Pedagogia destina-se à formação de professores para exercer funções de magistério na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental, nos cursos de Ensino Médio, na modalidade Normal, de Educação Profissional na área de serviços e apoio escolar e em outras áreas nas quais sejam previstos conhecimentos pedagógicos. Parágrafo único as atividades docentes também compreendem a participação na organização e gestão de sistemas e instituições de ensino, englobando:[...]VI – ensinar Língua Portuguesa, Matemática, Ciências, História, Geografia, Artes, Educação Física, de forma interdisciplinar e adequada às diferentes fases do desenvolvimento humano (BRASIL, 2006, p. 2).

No que tange a Lei 11.769/2008, se faz obrigatório o ensino de música na Educação Básica. O prazo para implantação e vigência estava previsto para agosto de 2011, no entanto, a Lei foi aprovada e, posteriormente, vetada com a seguinte justificativa “a música é uma prática social e que no Brasil existem diversos profissionais atuantes nessa área sem formação

acadêmica ou oficial em música e que são reconhecidos nacionalmente” (BRASIL, 2008), a explicação é que a Lei impossibilitaria que esses profissionais trabalhassem com música no campo da Educação Infantil.

Em relação aos estudos que vêm sendo desenvolvidos sobre musicalização na educação infantil, entre 1995 e 2011, foram localizados cerca de 75 artigos e resumos publicados. O Estado da Arte sobre a importância da musicalidade na infância foi realizado por Pires e Dalben (2013) e publicado na Revista da ABEM (Associação Brasileira de Educação Musical). Entre os temas apresentados pelos pesquisadores, nenhum contemplava aquele do meu interesse, ou seja, a musicalização como estratégia para a implementação da Lei 10.639/2003 nos espaços da educação infantil. No decorrer das buscas, foi encontrada uma monografia de Andrade (2015), com a temática: “A Contribuição da Música Afro-Brasileira para a Construção da Identidade na Educação Infantil”. O estudo demonstra que é necessário o reconhecimento das escolas de educação infantil para a inclusão dessa temática na instituição, visando o fortalecimento da afirmação da identidade da criança negra.

Considerando a obrigatoriedade do ensino de história e cultura da africana e afro-brasileira no currículo da Educação Básica há mais de dez anos, com a promulgação da Lei de Nº10.639/2003 decretada pelo então Presidente da República Luiz Inácio Lula da Silva, sua aplicação ainda tem sido um desafio. A musicalização e a resistência negra no contexto da Lei 10639/2003, são provas das conquistas do movimento social negro, levando em consideração a contribuição cultural e social dos povos do continente africano e dos ameríndios que habitavam o Brasil. De acordo com Martha Abreu e Hebe Mattos,

[...] desde o final da década de 1990, as noções de cultura e diversidade cultural, assim como de identidades e relações étnico-raciais, começaram a se fazer presentes nas normatizações estabelecidas pelo MEC com o objetivo de regular o exercício do ensino fundamental e médio, especialmente na área de história. Isso não aconteceu por acaso. É, na verdade, um dos sinais mais significativos de um novo lugar político e social conquistado pelos chamados movimentos negros e antirracistas no processo político brasileiro, e no campo educacional em especial. (ABREU; MATTOS, 2008, p. 6).

O diálogo do movimento negro com o Estado no âmbito federal, estadual e municipal já vinham ocorrendo desde 1980 e, por intermédio dessas articulações, houve uma mudança significativa na luta contra o racismo, a partir da metade da década de 1980. De acordo com Santos (1994) o movimento negro corresponde a

Todas as entidades, de qualquer natureza, e todas as ações, de qualquer tempo, aí compreendidas mesmo aquelas que visavam à autodefesa física e cultural do negro,

fundadas e promovidas por pretos e negros. Entidades religiosas como terreiros de candomblé, por exemplo; assistenciais como as confrarias coloniais; recreativas como “clubes de negros”; artísticas como os inúmeros grupos de dança capoeira, teatro, poesia; culturais como os diversos “centros de pesquisa” e políticas como o Movimento Negro Unificado; e ações de mobilização política, de protesto antidiscriminatório, de aquilombamento, de rebeldia armada, de movimentos artísticos, literários e ‘folclóricos’ – toda essa complexa dinâmica, ostensiva ou encoberta, extemporânea ou cotidiana, constitui movimento negro (SANTOS, 1994, p. 157).

No que tange a Lei 10.639/2003, no documento das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das relações Étnico-Raciais, ela seria um modelo de ações afirmativas para o ensino de história e cultura africana e afro-brasileira, como podemos observar na introdução do documento.

O parecer procura oferecer uma resposta, entre outras, na área da educação, à demanda da população afrodescendente, no sentido de políticas de ações afirmativas, isto é, de políticas de reparações, e de reconhecimento e valorização de sua história, cultura, identidade. Trata, ele, de política curricular, fundada em dimensões históricas, sociais, antropológicas oriundas da realidade brasileira, e busca combater o racismo e as discriminações que atingem particularmente os negros. Nesta perspectiva, propõe a divulgação e produção de conhecimentos, a formação de atitudes, posturas e valores que eduquem cidadãos orgulhosos de seu pertencimento étnico-racial – descendentes de africanos, povos indígenas, descendentes de europeus, de asiáticos – para interagirem na construção de uma nação democrática, em que todos, igualmente, tenham seus direitos garantidos e sua identidade valorizada (BRASIL, 2004, p. 10).

A citação foi redigida pela Professora Dr^a Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva, que fez parte do Conselho Nacional da Educação e foi relatora das Diretrizes Curriculares referenciadas, a mesma, foi a primeira negra a fazer parte do CNE. Apesar dos esforços e dos avanços, ainda hoje, encontram-se muitos desafios para operacionalizar os conteúdos contidos nas orientações da Lei nos currículos da Educação Básica, tendo, como principal fator o eurocentrismo, o não reconhecimento da importância e da afirmação da identidade negra na construção do Brasil como nação. Desse modo, que pretendo contribuir propondo, neste projeto, por meio da musicalização na educação infantil, o resgate da cultura afro-brasileira e africana na base, pois são as crianças o futuro do nosso país.

No contexto atual, muitas das escolas ainda não conseguem colocar as diretrizes curriculares em prática devido a diferentes fatores, entre outros, a falta de capacitação dos professores para trabalhar com o tema e o desconhecimento de alguns deles sobre a história e a cultura da africana e afro-brasileira. Certamente isso reforça o racismo e impossibilita a afirmação da identidade negra, considerando que o Brasil não é um país branco e para que essa afirmação – da identidade – ocorra, é necessário “Denegrir” a Educação, como afirma o doutor em filosofia afrocentrada Nogueira (2012),

De volta ao significado de denegrir, tornar negro e enegrecer. O que torna relevante pode ser descrito na defesa da pluriversalidade. Nossas propostas, redes e tramas em favor de uma educação pluriversal antirracista passa por um exercício filosófico antirracista. No caso, denegrindo o pensamento e o território epistêmico. Em termos mais precisos, se trata de amplificar a capacidade criativa e regeneradora como método. Ou seja, não se trata de dividir e divorciar os elementos, mas, compreendê-los de modo articulado, policêntrico, dentro de um polidiálogo, uma efetiva pluriversalidade. Denegrir é pluriversalizar as abordagens, revitalizando e regenerando as redes de relacionamentos políticos, econômicos, etnicorraciais, de gênero, exercícios de sexualidade etc. Denegrir indica um processo de dissolução das modalidades de dominação e subalternização baseadas em critérios etnicorraciais, geográficos, de gênero, na orientação sexual ou exercícios de sexualidade, etc (NOGUERA, 2012, p. 69).

Assim, a Educação pode ser “Denegrída” por meio da arte e suas diferentes expressões, em particular, a musicalização. Com a música é possível resgatar a identidade e a africanidade que são desvalorizadas na maioria dos livros didáticos, onde os negros são apresentados de forma marginalizada e subalterna. Nos livros didáticos, não são evidenciadas as lutas e as formas de resistência que o povo negro desenvolveu para existir e resistir ao processo colonial. Entende-se que aplicar a Lei, por intermédio da musicalização na educação infantil, é dar protagonismo aos povos africanos e afro-brasileiros. Nessa direção é que se faz necessária a formação específica para os educadores, em particular, aqueles responsáveis pela infância.

1.1 PROBLEMA DA PESQUISA

A partir do exposto, é que para este projeto a seguinte pergunta é formulada:

- ✓ Como e em que medida é possível a utilização da musicalização como estratégia para a implementação da Lei de nº 10.639/2003, em espaços de educação infantil?

2 JUSTIFICATIVA

Na minha infância a musicalização esteve presente de uma forma bem diferente daquela proposta neste projeto. Sempre gostei de cantar, e cantar me mostrava um mundo diferente no qual vivia, cantar era me libertar e idealizar um futuro melhor. Tínhamos, eu e minha família, muito pouco e passamos por muitas necessidades. Eu não tinha consciência e não me reconhecia enquanto negra, para mim, na minha infância, só existiam pessoas, e durante muito tempo, tive esse posicionamento. Fui tomar consciência de ser negra e reconhecer e minha identidade por

intermédio de uma amiga chamada Zizele Ferreira, que faz parte do NEPRE (Núcleo de Estudo e Pesquisa das Relações Étnico Raciais da Universidade Federal de Mato Grosso) campus Cuiabá. Depois do reconhecimento da minha identidade, comecei a fazer parte do grupo musical chamado “Negra Cor”, que tinha como objetivo resgatar canções que falavam sobre a identidade negra e as formas de resistências. Durante o período em que eu cantava nesse grupo pude observar o quanto a música empoderava ou impactava as pessoas. Assim, resgatando a minha própria experiência que surge o interesse e a decisão em desenvolver o presente projeto, utilizando a musicalização como estratégia para a aplicação da Lei 10.639/2003 em espaços de Educação Infantil, considerando que da mesma forma que a música sensibiliza adultos ela, certamente, sensibilizará as crianças.

O projeto será desenvolvido na cidade de São Francisco do Conde, município esse que tem a população mais negra do estado da Bahia. Como forma de aproximação do meu campo, realizei, no ano de 2018, algumas atividades pelo Gimu, (Grupo da Integração Musical da Unilab) que tem como um de seus objetivos estabelecer um diálogo com a cidade por intermédio do desenvolvimento de oficinas de musicalização tanto para adultos quanto para crianças. Algo curioso me chamou à atenção, apesar de ser uma cidade majoritariamente negra, são poucas as pessoas que se reconhecem como tal.

Em algumas oficinas de musicalização que desenvolvi por intermédio do grupo mencionado, notei, também, que o único contato daquelas pessoas com a ancestralidade africana era através da capoeira. Quando as cantigas eram cantadas, a maioria das crianças, que tinham entre 4 a 6 anos, sabiam as letras automaticamente e começavam a se movimentar como nos jogos de capoeira. Naquele momento, aproveitei para resgatar uma música de capoeira chamada **Vim no balanço do mar**,¹ composição do Mestre Tamanduá sobre de onde vieram os negros que foram escravizados no Brasil, por meio da canção, pude explicar de onde vieram os alunos internacionais da Unilab (dos diferentes países africanos de língua portuguesa) e como é importante reconhecer que viemos de diferentes países da África.

¹ **Vim no balanço do mar**

Vim no balanço do mar la de Angola / Vim no balanço do mar la da Guiné / Vim no balanço do mar de Moçambique / Só quem veio sabe como é / Vim no balanço do mar la de Angola / Vim no balanço do mar la da Guiné / Vim no balanço do mar de Moçambique / Só quem veio sabe como é / Vim no navio negreiro / Com uma corrente no pé / Trabalhar como escravo / Na colheita do café / Vim no balanço do mar la de Angola / Vim no balanço do mar la da Guiné / Vim no balanço do mar de Moçambique / Só quem veio sabe como é / Hoje sou negro liberto/ A escravidão acabou / Hoje eu sinto saudades/ Da terra que la ficou / Vim no balanço do mar la de Angola / Vim no balanço do mar la da Guiné / Vim no balanço do mar de Moçambique / Só quem veio sabe como é / Só quem veio sabe como é / Só quem veio sabe como é.

O presente projeto, por meio da musicalização, poderá contribuir de diferentes formas. No âmbito acadêmico, por ser uma proposta pouco usual e no campo da Educação Infantil, desde a contribuição para o desenvolvimento de estratégias para a formação específica de professores ou para o desenvolvimento de atividades que subsidiem o cotidiano das crianças. No âmbito político, o projeto contribuirá para a implementação das diretrizes curriculares, resultadas da Lei 10.639/2003. É possível acreditar que no futuro as crianças, como novas gerações, não reproduzirão o racismo e saberão a importância de ser o que somos hoje, reconhecendo a diversidade cultural que compõe o nosso país.

3 OBJETIVOS

3.1 OBJETIVO GERAL

- ✓ Analisar como as distintas possibilidades de musicalização contribuem para a implementação Lei 10.639/2003, visando o fortalecimento da identidade de crianças pré-escolares, em espaços de Educação Infantil.

3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- ✓ Identificar quais são os momentos possíveis para trabalhar com música na rotina da Educação Infantil;
- ✓ Realizar ações junto aos professores e crianças, contemplando músicas que se referenciam na história e na cultura africana e afro-brasileira.
- ✓ Propor a elaboração de um manual sobre músicas que contribuam com o empoderamento e o fortalecimento da identidade negra, em espaços de Educação Infantil.

4 REVISÃO DA LITERATURA

4.1 HISTÓRIA DA MÚSICA: O QUE É MÚSICA?

Em todos os espaços que frequentarmos será muito comum vermos o quanto a música está presente na vida das pessoas e o quanto ela é utilizada de forma comercial, cultural e social. Ao caminharmos pelos centros das grandes cidades notaremos que os comerciantes se utilizam de músicas para despertar a atenção dos fregueses, muitas das vezes, a referência para o comprador lembrar o nome e retornar à loja, é a música que estava tocando. De acordo com Bréscia (2003) e outros relatos históricos acerca da música, sempre há destaque sobre o seu caráter universal, no sentido de que todas as civilizações, desde os primórdios, produziam e entoavam em celebrações, rituais, nascimento ou falecimento de alguém. Já, na Grécia Clássica, o ensino das artes era obrigatório, principalmente a música, devido alguns dos experimentos do filósofo grego Pitágoras de Samos que descobriu que alguns sons melódicos e harmônicos, causavam diversas reações no corpo humano, podendo até mesmo auxiliar no processo de cura de algumas enfermidades.

O que é música? A pergunta perpassa também pelo campo da filosofia, já que, muitas das vezes idealizamos o conceito e o fenômeno de forma enigmática e diversificada para cada indivíduo, assim, por mais que pareça ser fácil dizer que música é sentimento, ela transcende o corpo físico, o que impulsiona às múltiplas sensações físicas e metafísicas que podem despertar prazer, emoção, tristeza, melancolia, liberdade, paz e até mesmo o sentimento de gratidão para com o universo, segundo Platão (2014), citado por J. Guinsburg, a música acessa a alma e serve para o desenvolvimento das virtudes.

Na contemporaneidade a música é pensada a partir do conceito chamado etnomusicologia que abrange todos os estilos musicais existentes e, também, o local onde foram produzidos. É possível considerar a música como uma ciência devido o envolvimento dos diferentes sons com outras áreas do conhecimento, como a matemática e a física, e, também, com a arte, pois nela colocamos o sentimento e as expressões que nos proporcionam o descobrimento de múltiplas linguagens presente no campo musical, é a forma mais singela de exteriorizar o nosso estado de espírito. Para conseguir produzir uma melodia, é necessário apenas sensibilidade, mas para compreender todo o processo da construção musical, é fundamental a ciência.

Segundo Wilhems (apud GAINZA, 1988, p.36), o ritmo musical impulsiona o corpo humano à movimentação, e a melodia desenvolverá a afetividade e a sensibilidade, por fim, a

junção de todos os elementos musicais favorecerá o equilíbrio mental do ser. Nessa mesma perspectiva Brécia (2003) afirma que a musicalização contribui e influencia no gosto musical do indivíduo, o que automaticamente despertará o desenvolvimento cognitivo da criatividade, da memória e da atenção. Com esse mesmo raciocínio Oliveira (2001), explica que

(...) desenvolver o senso musical das crianças, sua sensibilidade, expressão, ritmo, ouvido musical, isso é, inseri-la no mundo musical, sonoro. O processo de musicalização tem como objetivo fazer com que a criança torne-se um ouvinte sensível de música, com um amplo universo sonoro (OLIVEIRA, 2001, p.99).

A musicalização na educação infantil se faz necessária para ajudar a criança a se conhecer e a conhecer o outro, ou seja, é uma interação interpessoal, um momento de reconhecimento dos sons, do ambiente e de como o corpo se encontra nesse espaço. Para Snyders (1992), é através da musicalização que as crianças viverão no tempo presente, esquecendo temporariamente das dificuldades da escola e das desigualdades sociais existentes, será esse um momento de alegria e diversão, no ambiente escolar. Na mesma ótica Oliveira (2011, p. 100) afirma que para utilizar o recurso de musicalização na educação infantil, é necessário utilizar, também, outros elementos lúdicos e artísticos, como brincadeiras, dramatização, histórias e até mesmo jogos, para que se incentive e desperte o interesse na criança, ao mesmo tempo ele sinaliza e adverte o educador que

A musicalização deve ser trabalhada de maneira lúdica. A criança deve sentir prazer em frequentar as aulas de música, usar a criatividade. Porém, precisamos tomar cuidado para que as crianças não considerem as aulas de música somente como divertimento, descontração, o que fará com que elas deixem de aceitar o direcionamento do professor (OLIVEIRA, 2001, p.100)

Por fim, pensar no processo de musicalização na educação infantil também é pensar em uma construção de aula coletiva, onde o educador não prepara a aula para a criança, mas sim, com a criança, refletindo sobre todas as dificuldades que elas enfrentam.

4.2 A IMPORTÂNCIA DA MÚSICA PARA O DESENVOLVIMENTO INFANTIL

São evidentes a importância e a seriedade de se trabalhar musicalização na educação infantil, ela auxilia no desenvolvimento físico, intelectual e linguístico da criança, entre outros benefícios. Ana Mae Barbosa (2011, p. 18) diz que “a arte como uma linguagem aguçadora dos sentidos transmite significados que não podem ser transmitidos por intermédio de nenhum outro tipo de linguagem, tais como, a discursiva e científica”, desse modo, podemos considerar que

a música é um elemento primordial para o desenvolvimento da criança no que diz respeito à comunicabilidade, sensibilidade e a sociabilidade.

Na mesma perspectiva Brito (2003) afirma que a criança recebe todas as impressões musicais desde o útero materno e, ao longo de seu desenvolvimento ela vai descobrindo essa multiplicidade musical de forma saudável. É notório que quando uma criança recebe estímulos musicais o corpo imediatamente começa a liberar todas as sensações de prazer e automaticamente ela interage com o outro, na tentativa de que o outro também a compreenda e corresponda a essa ação. É possível observar que quando a estimulamos, ela espera um novo estímulo, e quando chega à conclusão de que não terá mais música, ela começa a produzir sua própria melodia, balbuciando aquilo que sabe. Em caso de a criança ainda não falar, ela irá emitir sons pedindo a reprodução da mesma canção ou de outras. Mesmo a criança não compreendendo a letra que está sendo cantada, ela entende a linguagem do som e isso a leva à movimentação, pois as crianças se comunicam por meio de gestos e toques com os outros indivíduos, o que proporciona a afetividade. É importante ressaltar que a criança não está preocupada se o movimento ficará “feio ou bonito”, se estão rindo para ela ou não, ela apenas está vivendo o momento, sem se preocupar com que pode acontecer depois.

Sendo assim, é possível considerar a música como um instrumento que auxilia o processo de aprendizagem das crianças, mas é fundamental compreender que a música é muito mais que apenas uma ferramenta. Através do processo de musicalização, pode-se identificar pontos fortes e fracos da criança, sobretudo, as aptidões, as lembranças auditivas, as observações, os entendimentos diversificados de cada indivíduo,

A música está presente em diversas situações da vida humana. Existe música para adormecer, dançar, chorar os mortos e conclamar o povo a lutar, o que remonta a sua função ritualística. Presente na vida diária de alguns povos, ainda hoje é tocada e dançada por todos, seguindo costumes que respeitam as festividades e os momentos próprios de cada manifestação musical. Nesses contextos, as crianças entram em contato com a cultura musical desde muito cedo e assim começam a aprender suas tradições musicais. (RENATO, 1998, p.47)

Hentschke (1995 apud JOLY, 2003) ao justificar a importância de se utilizar da musicalização na educação infantil, ressalta que ela ajuda a combater comportamentos agressivos, favorecendo a autoestima e a consciência corporal e, para além disso, ela auxilia no relacionamento sócio-afetivo, psicomotor e cognitivo.

Algumas razões são importantes para justificar a inserção da educação musical no currículo escolar. Entre elas, estão proporcionar à criança: o desenvolvimento das suas sensibilidades estéticas e artísticas, o desenvolvimento da imaginação e do potencial

criativo, um sentido histórico da nossa herança cultural, meios de transcender o universo musical de seu meio social e cultural, o desenvolvimento cognitivo, afetivo e psicomotor, o desenvolvimento da comunicação não-verbal (HENTSCHKE, 1995 apud JOLY, 2003, p. 117).

Por isso, é necessário buscar novas metodologias, didáticas e estratégias para a inclusão da música na educação infantil, ela proporcionará com que as crianças participem e cooperem entre si, de acordo com a canção a ser explorada, ela aflorará, ainda na infância, o senso crítico e aguçar o imaginário da criança. Para Brito (1998, p. 45),

O termo musicalização infantil adquire uma conotação específica, caracterizando o processo de educação musical por meio de um conjunto de atividades lúdicas, em que as noções básicas de ritmo, melodia, compasso, métrica, som, tonalidade, leitura e escrita musicais são apresentadas à criança por meio de canções, jogos, pequenas danças, exercícios de movimento, relaxamento e prática em pequenos conjuntos instrumentais.

Mediante esse processo da musicalidade infantil, a participação dos pais é indispensável, eles darão continuidade no que o educador está semeando em sala, eles irão cultivar até a criança florescer. Por intermédio da música e com o auxílio dos pais, a criança desenvolverá a ideia de pertencimento ao local onde vive e, também, aprenderá a valorizar sua identidade e ancestralidade.

Enfim, o aprendizado infantil por meio da musicalização, se dará no descobrimento das vozes, das melodias, dos ritmos, e, também, por intermédio da concentração e da respiração. A criança terá contato com os instrumentos, podendo sentir de que material foi fabricado, por mediação desse processo, ela saberá a estória da música e do instrumento, apresentados.

4.3 MUSICALIZAÇÃO NOS ESPAÇOS DA EDUCAÇÃO INFANTIL: CONSIDERANDO AS MULTIPLAS LINGUAGENS

É fundamental que a escola proporcione situações de integração e interação entre as crianças e os adultos e durante esse processo, é importante o uso da ludicidade para aflorar a criatividade tanto do educador quanto da criança. Porém, existem instituições infantis que visualizam esses espaços como momentos de assistencialismo, por não acreditarem na capacidade intelectual da criança, não levando em consideração suas vivências as aptidões.

Por intermédio do contato da criança com os outros indivíduos e como o meio onde vive, será possível o desenvolvimento e a expansão sobre as formas de conhecimentos e aprendizagens que a criança levará por toda a vida. Segundo Oliveira (2001, p. 73) o educador,

deve ser capaz de observar, reconhecer e avaliar o nível de desenvolvimento das crianças e suas necessidades. Fundamental nesse processo é a atitude de tentar colocar-se no lugar da criança para captar sua forma de ser e as hipóteses que está construindo sobre o mundo em cada momento.

Tudo indica ser necessário que haja formação para os educadores para que tenham o mínimo de conhecimento sobre a área e possam utilizar a musicalidade para além de um momento de descontração, mas como um processo de aprendizagem. Assim, Brito (2003) afirma que

Trazer a música para o nosso ambiente de trabalho exige, prioritariamente, uma formação musical pessoal e também atenção e disposição para ouvir e observar o modo como bebês e crianças percebem e se expressam musicalmente em cada fase de seu desenvolvimento, sempre com o apoio de pesquisas e estudos teóricos que fundamentam o trabalho. (BRITO, 2003, p. 35)

É necessário que o educador desenvolva ações coletivas e individuais, fazendo uso das ideias e das necessidades das crianças com atividades de musicalidade diversificadas, para que não seja apenas um momento de reprodução mecânica das canções, por isso, se faz imprescindível a utilização de histórias, de jogos de movimentação e de ciranda, o educador, visando prender a atenção da criança, pode fazer jogos de entonação de voz, um momento bem baixo, outro alto, e outro momento, explorando o silêncio. De acordo com Schroeder (2011, p.108),

É possível observar o processo de apropriação da linguagem musical, nessa faixa etária, também, ou talvez principalmente, em situações nas quais as crianças não estão propriamente “fazendo música”, mas vivenciando-a de diversas outras formas: dançando, representando, imitando, fazendo gestos, brincando.

A partir do conceito de ludicidade, é possível caracterizar as múltiplas linguagens que o processo de musicalização proporciona ao indivíduo, em particular, às crianças, como a movimentação, o desenhar, a dramatização, a brincadeira, a fotografia, a dança e até mesmo o choro, porém, para que isso ocorra é fundamental que a criança seja livre para associar a musicalidade com suas vivências e experiência reais, porque para Schroeder (2011, p. 110), “os processos de apropriação da linguagem musical passam necessariamente pela possibilidade de expressão individual da criança em diversas linguagens, não apenas na música”.

No contexto de sala de aula o educador se deparará com a multiplicidade de pensamentos infantis e precisará ficar atento como irá interpretar as ações executadas pelas crianças. Por isso,

Essas discussões nos levam a refletir também sobre o papel crucial das relações instituídas no processo de ensino/aprendizagem e a necessidade de que o professor se coloque na posição de interlocutor nesse processo, prestando atenção não apenas ao conhecimento musical a ser ensinado, mas, sobretudo olhando para a criança, tentando fazer um esforço de interpretar suas ações de uma maneira mais global. (SCHROEDER, 2011, p. 116-117)

No entanto, o desenvolvimento da musicalização na educação infantil não fará e não tem interesse em fazer com que a criança se torne um músico ou musicista, mais sim, que ela adquira o gosto em apreciar a música ampliando, assim, seu senso crítico. Gainza (1998, p. 88) afirma que “a educação e, portanto, a educação musical, deve ser considerada como uma contribuição sistemática ao processo de desenvolvimento integral (biopsicossocial) do ser humano”, por isso, ele ressalta a música no processo educativo.

Por meio de uma pesquisa em Centros Municipais de Educação Infantil na cidade de Lages (SC), Ceron (s/d), pós-graduada em psicopedagogia institucional e educação especial identificou que muitos educadores da educação infantil se sentem inseguros em utilizar a musicalização, justamente pela falta de formação e pouco conhecimento na área musical, porém, mesmo sem formação o processo de musicalização se fazia presente nas aulas, pois ela auxilia em várias áreas do desenvolvimento infantil. Enfim, é necessário mais que formação para educadores, é preciso cooperação entre todas as esferas educacionais para que haja uma conscientização de que o processo de musicalização na infância também é uma linguagem tão fundamental quanto outras áreas do conhecimento

4.4 A MÚSICA COMO FORMA DE RESISTÊNCIA NEGRA

Quando começaram as expedições em busca de artefatos para enriquecer a coroa portuguesa no século XV, o colonizador que visava chegar na Índia, se deparou com o continente africano e ali fez ponto de exploração durante séculos. Extraiu dessa terra marfim, metais preciosos, condimentos e até mesmo, as pessoas que ali habitavam. O tráfico de escravizados trazidos para o Brasil começou por volta do século XVI e perdurou até meados do século XIX, durante esse período, os povos negros que chegaram e resistiram ao processo trouxeram muito mais que apenas seus corpos, trouxeram também suas culturas, crenças e toda a sua ancestralidade, como podemos observa no texto de Mattos (2007).

Os africanos não contribuíram apenas no âmbito do trabalho, mas marcaram a sociedade brasileira em outros aspectos: na forma como se organizavam em “nações”, na constituição de famílias (muitas vezes simbólicas), nas manifestações de

religiosidade (catolicismo, islamismo e candomblé e da cultura (língua, lundu, batuque e capoeira) (MATTOS, 2007, p.13).

O colonizador trouxe todo o seu etnocentrismo e os seus métodos para impor a sua cultura e catequizar os povos de África e os ameríndios que já habitavam o Brasil, porém, a resistência desses povos fez com que o processo de colonização se tornasse mais doloroso e sanguinário, como podemos observar na música “O canto da três Raças” de Mauro Duarte e Paulo César Pinheiro (1974).

Problematizar a música como estratégia de resistência negra perpassa pela conceitualização da palavra resistir, principalmente quando falamos da identidade negra e da subalternização de povos, durante todo o processo colonial. De acordo Duncombe (2007, p. 490), é muito fácil definir a palavra resistir com o significado de manter um posicionamento oposto do que está sendo imposto, aprofundando na mesma perspectiva Raby (2005) afirma que para além de conceituar a palavra resistência, é necessário compreender que o ato de resistir está totalmente ligado às relações de poder, de subjugação e até mesmo dominação de um determinado grupo. O "modernismo tende a ver a resistência como uma força de oposição a um poder dominante" (RABY, 2005, p. 153).

Com base na conceitualização da palavra resistir, para os povos africanos muito antes da colonização a musicalização já se fazia presente em trabalhos coletivos e até mesmo na transmissão de conhecimento para novas gerações. A musicalidade africana além de afirmar a identidade do negro, ela foi marco de resistência durante a escravidão. De acordo com Gomes (2017) nos Estados Unidos, nas lavouras de cana de açúcar, de algodão e na colheita de café no Brasil, a música traçava plano de fuga e formas de sobrevivência nos Quilombos. Outro marco da música como resistência negra foi o período de luta pela independência da Guiné Bissau, cujo o cantor e compositor guineense José Schwarz (1977) retrava em suas canções escritas e executadas em crioulo, a realidade e o desejo de que seu país se tornasse independente, se libertando da coroa portuguesa, um exemplo são as canções *Mulheres di pano preto* ou *ke ki mininu na tchora*.

Já, nos Estados Unidos a musicalidade negra se caracterizou e se fortaleceu nas lutas por Direitos Civis e fim de segregação racial em 1950, com esse ato de resistência sugeriram estilos musicais que embalam multidões como, *rhythm and blues*, *o soul*, *o rock and roll*, *o rap* e *o hip hop*. Um grande exemplo de luta durante esse período foi Nina Simone, que em suas músicas retrava a cultura negra e o seu desejo de retornar a África, na canção *Ain't Got No / I Got Life*, ela mostra que os negros têm as mesmas estruturas físicas e as mesmas capacidades

de que os brancos e que ambos estão vivos e precisam de liberdade, independentemente de suas particularidades.

No Brasil, a cultura negra enquanto servia de atração para os senhores e senhoras de engenho era tolerada, porém, no período da libertação dos escravizados ela passou a ser marginalizada, por exemplo, a capoeira e o samba eram vistos como ato de vadiagem, e, assim, começam as perseguições aos negros que resistiam e vivenciavam suas culturas. Entretanto, é notório a influência da musicalidade africana em ritmos brasileiros como no forró, samba, *rap*, *hip hop e funk*, esses estilos musicais se fazem mais presentes nas periferias onde há uma maior segregação espacial urbana, em função do negro ser associado diretamente à criminalidade e a irracionalidade.

Nos dos anos 2000 muitos *funks* retratavam indiretamente sobre o negro e a vontade de poder andar livremente pelas “quebradas” sem serem mortos pelas autoridades, nas músicas “Rap da felicidade” de Cidinho e “Rap do Silva” de *MC Bob Rum* e Doca, podemos observar essa realidade. Recentemente a escola de samba Mangueira ao resgatar a história do Brasil que não é contada nos livros escolares, trouxe, para a avenida, por meio de seu enredo e fantasias, os negros que foram heróis e que não são retratados em tais livros. O desfile foi uma crítica ao eurocentrismo que nos passa a ideia de que a colonização foi algo necessário para os indígenas e para os negros. A Mangueira fez, também, uma homenagem a vereadora do Rio de Janeiro Mariele Franco, mulher negra símbolo de resistência e que foi assassinada no ano de 2018. O samba enredo é riquíssimo, evidenciando a luta e o desejo de reconstrução da história do nosso país, levando em consideração os protagonistas negros e indígenas, com essa proposta de revisão da história, a escola foi campeã. Resistir e lutar era, e continua sendo, uma busca incessante no processo de emancipação do povo negro, na busca da liberdade para andar livremente por todos os espaços.

5 METODOLOGIA

Este projeto tem como norteador a abordagem qualitativa. Para a construção da metodologia será utilizado o livro “Método de Pesquisa”, organizado por Tatiana Engel Gerhardt e Denise Tolfo Silveira (2009).

Para o desenvolvimento da pesquisa nos interessa compreender uma instituição escolar e um grupo de crianças, levando em consideração suas problemáticas e variáveis, ou seja, não há uma preocupação com a representatividade numérica. Nesse sentido que a pesquisa qualitativa

parece a mais indicada, já que, diz respeito a profundidade e a qualidade dos dados que serão coletados e analisados, e não a quantidade. A pesquisa, nessa vertente, busca também compreender as relações sociais dos indivíduos relacionando-as ao meio em que está inserido.

Para a concretização da pesquisa, primeiramente, será identificada uma escola de Educação Infantil na cidade de São Francisco do Conde- BA, visando a apresentação do projeto e a autorização para o seu desenvolvimento. A título de compreensão, a natureza da pesquisa será de caráter básico, que busca a criação de novos conhecimentos para um possível avanço da Ciência, prendendo, com isso, abranger interesses para o reconhecimento da diversidade étnico-racial que compõem nosso país. Também, a pesquisa será de caráter aplicado, já que, pretende-se encontrar estratégias para solucionar as dificuldades específicas para a implementação de ações à respeito da aplicação da Lei 10.639/2003 na seara da Educação Infantil e por intermédio da musicalização, tendo em vista os interesses locais da cidade de São Francisco do Conde.

No que diz respeito aos objetivos da pesquisa, os mesmos são de caráter exploratório, pois uma das ações que será realizada é um levantamento bibliográfico, visando o aprofundamento sobre a temática em questão. Quanto aos procedimentos, será uma pesquisa-ação onde serão buscados mais que a compreensão do problema, mas sim, a resolução como agente transformador, como nos ensina Fonseca (2002)

A pesquisa-ação pressupõe uma participação planejada do pesquisador na situação problemática a ser investigada. O processo de pesquisa recorre a uma metodologia sistemática, no sentido de transformar as realidades observadas, a partir da sua compreensão, conhecimento e compromisso para a ação dos elementos envolvidos na pesquisa. (...) O objeto da pesquisa-ação é uma situação social situada em conjunto e não um conjunto de variáveis isoladas que se poderiam analisar independentemente do resto. Os dados recolhidos no decurso do trabalho não têm valor significativo em si, interessando enquanto elementos de um processo de mudança social. O investigador abandona o papel de observador em proveito de uma atitude participativa e de uma relação sujeito a sujeito com os outros parceiros. O pesquisador quando participa na ação traz consigo uma série de conhecimentos que serão o substrato para a realização da sua análise reflexiva sobre a realidade e os elementos que a integram. A reflexão sobre a prática implica em modificações no conhecimento do pesquisador (FONSECA, 2002, p. 34-35).

Sob esse aspecto, após a identificação da escola, será selecionada uma sala na qual, em conjunto com a professora/o e as crianças, será realizado um levantamento sobre as necessidades para o desenvolvimento de ações sobre musicalização. Esse momento será de partilha de conhecimento. Como diz Denise Tolfo Silveira e Fernanda Peixoto Córdova, *apoud* Thiollent (1988)

A pesquisa-ação é um tipo de investigação social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo.

Assim, será, posteriormente, desenhado um plano de ação para que sejam realizadas entre outros, oficinas de músicas, confecção de instrumentos musicais com sucata. Na parte da pesquisa bibliografia, considerando as ações desenvolvidas, será realizado um levantamento de material para a elaboração de um guia para ser utilizado por professores e crianças em espaços de Educação Infantil, com músicas que possibilitam, de forma direta, trabalhar com temáticas relacionadas à história e cultura africana e afro-brasileira-brasileira, como forma de construção da identidade.

6 CRONOGRAMA

ANOS/ETAPAS	2019		2020		2021	
	1º	2º	1º	2º	1º	2º
Reelaboração do projeto		X				
Levantamento bibliográfico		X				
Apresentação do projeto reelaborado		X				
Organização do roteiro/partes		X				
Coleta de dados			X	X		
Análise dos dados			X	X		
Redação do trabalho					X	
Revisão e redação final					X	
Entrega da monografia						X
Defesa da monografia						X

REFERÊNCIAS

- ABREU, Martha; MATTOS, Hebe. **Em torno das “Diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana”:** uma conversa com historiadores. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 21, n. 41, p. 5-20, jan./jun. 2008.
- ALMEIDA, Renato. **A História da Música Brasileira**. Universidade do Texas, F. Briguiet: 1926.
- ANDRADE, Annielly da Silva. **A Contribuição da Música Afro-Brasileira para a construção da Identidade Infantil**. Guarabira PB, 2015.
- CERON, Isabel Nercolini. **A Música na Educação Infantil: A Contribuição para o Desenvolvimento de Crianças entre 0 e 5 anos**. Lages SC, s/d.
- BARBOSA, A. M. (org.). **Inquietações e Mudanças no Ensino da Arte**, 6 ed. São Paulo, Cortez 2011.
- BRASIL. **Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Brasília, 1998. (V. 1, Introdução e v. 3, capítulo Música, p. 43-82).
- BRASIL(2004). **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana**. Brasília.
- BRÉSCIA, Vera Lúcia Pessagno. **Educação Musical: bases psicológicas e ação preventiva**. São Paulo: Átomo, 2003.
- BRITO, Teca Alencar de. **Música na Educação Infantil: propostas para formação integral da criança**. 2ª ed. São Paulo: Petrópolis, 2003
- BRITO, Teca Alencar de. Música. In: BRASIL. **Ministério da Educação e do Desporto. Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Brasília, DF:MEC/ SEF, 1998. v.3, p. 45-79.
- BRITO, Teca Alencar de. **Música na educação infantil: propostas para a formação integral da criança**. São Paulo: Peirópolis, 2003.
- BRITO, Teca Alencar de. **Ferramentas com brinquedos: a caixa da música**. Revista da ABEM, Porto Alegre, v. 24, 89-93, set. 2010.
- BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana**. Brasília, 2004
- BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação**. Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC, 1996.

DURTE, Mario. PINHEIRO, Paulo, Cesar. **Canto das três Raças**, (1974). Online <https://www.geledes.org.br/canto-das-tres-racas-1974/>

DAVIS, Claudia; FIORI, Wagner da Rocha e RAPPAPORT, Clara Regina. **Teorias do desenvolvimento**. São Paulo: E.P.U., v 1, 1981 –

DUNCOMBE, S. **Cultural Resistance to Community Development**. *Community Development Journal*. 42 (4).2007. FORACCHI, Maria Alice M. A Juventude na sociedade moderna. São Paulo: Pioneira, 2012

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.

GAINZA, Violeta Hemsy de. **Estudos de Psicopedagogia Musical**. 3. ed. São Paulo: Summus, 1988.

J.GUINSBURG(ORG.). **A república de Platão**: Obras 1. 2 ed. 376 e: Perspectiva, 2014. 85 p.

JOLY, Ilza Zenker Leme. Educação e Educação Musical: **Conhecimentos para compreender a criança e as suas relações com a música**. In: HENTSCHKE, Liane; DELBEN, Luciana (org.). *Ensino de música*: propostas para pensar e agir em sala de aula. São Paulo: Moderna, 2003. p.113-125.

_____. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Conselho Pleno. *Resolução no 1, de 15 de maio de 2006*. Institui as **Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Graduação em Pedagogia**, licenciatura. Brasília, 2006.

MATTOS, Regiane Augusto de. **História e cultura afro-brasileira**. São Paulo: Contexto, 2007.

NOGUERA, Renato. **Denegrindo a educação: Um ensaio filosófico para uma pedagogia da pluriversalidade**. Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação. Número 18: maio-out/2012, p. 62-73.

NOGUEIRA, Monique Andries. **A música e o desenvolvimento da criança**. Revista da ufg, vol.5, no. 2, online(www.proec.ufg.br). dez 2003

OLIVEIRA, D. A. (2001). “Musicalização na educação infantil”. *Educação Temática Digital*, Campinas, v.3, n.1, pp.98-108, dez.

PIRES, Nair e DALBEN Ângela. I. L. F. **Músicas nas escolas de educação básica: estado da arte na produção da Revista Abem (1992-2011)**. Revista da ABEM. Londrina, v. 21, n. 30. 109-118. Jan-Jun/2013.

RABY, R. ‘**What is Resistance?**’, *Journal of Youth Studies* , Vol 8, No 2. 2005

SANTOS, J.R. **Movimento negro e crise brasileiras. Ministério da Cultura/Fundação Cultural Palmares: Brasília, 1994.**

SCHROEDER, Silvia Cordeiro Nassif; SCHROEDER, Jorge Luiz. **As crianças pequenas e seus processos de apropriação da música.** Revista da ABEM. Londrina, v. 19, n. 26. 105-118. Jul-dez/2011.

SOUZA, Vera Lúcia Lins Sant'anna Ana Claudia De Freitas1 Ana Tânia Lana Kevne De Souza Nunes Maryelen Fernanda De Paula Poliana Emília Fraga Vineusa Lopes De. **A contribuição da música na construção do conhecimento na educação infantil.**

THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação.** São Paulo: Cortez & Autores Associados, 1988.

TRINIDAD, C.T. **Identificação étnico-racial na voz de crianças em espaços de educação infantil** (tese de doutorado). São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2011.